

Indústria e construção criam mais emprego para quem sai da faculdade

Estes são os sectores em que mais empresas admitem, apesar da crise, aumentar as contratações de recém-licenciados, em 2011, segundo o inquérito da consultora MRI.

Para os recém-licenciados, as maiores oportunidades de emprego, este ano, encontram-se nos sectores da indústria e construção civil. Fora destes sectores e contrariando o desânimo que se vive no país, as notícias também são animadoras para os jovens que saem das faculdades e procuram o primeiro emprego, segundo o 'Hiring Survey' feito em Portugal pela consultora de recursos humanos MRI Network, que colocou às empresas uma pergunta em exclusivo para o Diário Económico: "tenciona aumentar, manter ou diminuir a contratação de recém-licenciados, em 2011, comparativamente a 2010?". E a grande tendência das empresas (62%) é para manter a contratação de recém-licenciados, este ano, em números idênticos aos de 2010.

A pergunta que se impõe é: como explicar que, em plena crise, tantas empresas continuem a recrutar e uma percentagem de 18% fale mesmo que tem planos para aumentar a contratação de recém-licenciados e apenas 2% tencione reduzi-la? "Não nos podemos esquecer que os recém-licenciados são uma mão-de-obra mais acessível sob o ponto de vista financeiro, para as empresas, comparativamente com profissionais mais experientes, pelo que não me surpreende que haja recrutamento deste tipo de perfis", responde Ana Teixeira, a 'country manager' da MRI, que realizou este inquérito no primeiro semestre de 2011.

Cerca de 65% dos responsáveis pelo sector da indústria pretendem manter e 27% aumentar mesmo a contratação de recém-licenciados e apenas 6% reduzir. Já no que se refere à construção civil e embora a tendência seja para manter (50%), são em número elevado - 38% - as empresas que tencionam aumentar este tipo de contratações, contra 12% que prevê reduzir.

Ana Teixeira faz questão de frisar que "é uma constatação nacional a elevada taxa de desemprego de recém-licenciados". Mas adianta que, em sua opinião, "a taxa de desemprego de quadros superiores com muita experiência é que se tem vindo a constituir como o padrão da actual crise".

Logo a seguir à indústria e construção vêm as tecnologias de informação, com 21% a dizer que vão aumentar a contratação de recém-licenciados e muito atrás as farmacêuticas e cuidados de saúde, com apenas 3%. Já na logística e distribuição não há nenhuma empresa a dizer que tenciona aumentar as contratações deste perfil de colaboradores sem experiência profissional, embora 62% digam que vão manter e nenhuma fale em reduzir.

A responsável da MRI lembra ainda que a crise, que agora se agudizou, teve o seu auge junto das empresas em 2009 e foi nesse ano que o 'Hiring Survey' revelou "dados históricos, com 46% dos inquiridos a manifestar intenção de reduzir os seus quadros de pessoal". O que está a acontecer, em sua opinião, é que desde 2002 que as empresas se têm vindo a "adaptar aos momentos conturbados que vamos atravessando".

"A taxa de desemprego dos recém-licenciados é elevada, mas é o desemprego de quadros superiores com muita experiência que se tem vindo a constituir como o padrão da actual crise", diz Ana Teixeira.

Com a recente queda do Governo, vinda da troika para Portugal e a austeridade consequente que se adivinha, será que as empresas vão recuar quando responderem a este inquérito, no segundo semestre de 2011? "As decisões das empresas para contratar não me parecem estar tão decisivamente dependentes dos acontecimentos políticos, uma vez que têm vindo a adaptar-se à instabilidade que caracteriza os tempos modernos", defende ainda Ana Teixeira, e "já integraram no seu DNA este pressuposto e aprenderam a lidar com ele".

No que se refere à dimensão das empresas, a tendência para aumentar a contratação de recém-licenciados concentra-se nas de 51 a 250 colaboradores, enquanto em diminuir estão focadas as de 51 a 250 colaboradores ou as grandes empresas com mais de 501 trabalhadores.

Nenhuma empresa de TI admite reduzir pessoal

No que se refere a contratações em geral e já não aos recém-licenciados em particular, a tendência é, igualmente, para manter: 50% das empresas inquiridas respondem que vão deixar tudo como está a nível de quadro de pessoal, contra 57% no segundo semestre de 2010. Uma fatia de 32% vai mais longe e fala nos seus planos de aumentar os quadros, enquanto 18% admitem que poderão ter de reduzir pessoal.

É de salientar neste inquérito o facto de nenhuma empresa da área das tecnologias de informação ter planos para reduzir pessoal, em 2011, e apenas 4% na logística o admitirem. Estes dois sectores "surtem como os mais resistentes à turbulência dos tempos, pois a taxa de intenção de redução de colaboradores nestes sectores é muito baixa ou mesmo inexistente, face ao global da amostra", salienta Ana Teixeira.

No que toca à indústria, e numa conjuntura adversa como a actual, não deixa de ser significativo que 48% pretendam manter e mesmo 15% aumentar as contratações. "Diremos que parte destes resultados é conseguida face ao aumento das exportações portuguesas. Nas empresas voltadas para o mercado interno, aí a situação é claramente diferente, fruto da actual situação político-económica que retrai o consumo privado", analisa Helder Pais, 'managing partner' da MRI.

No que diz respeito à construção, outro 'managing partner', Carlos Governa, admite que "esperaria resultados piores dado o ambiente recessivo, de concorrência exacerbada, margens esmagadas ou negativas e o momento político, económico/financeiro e social altamente preocupante que se vive em Portugal e no sector".

"Considero um valor muito positivo que a tendência de metade das empresas inquiridas seja para manter os seus quadros de pessoal. Sem dúvida que os tempos são desafiantes pelas dificuldades que encerram, mas parece que parte significativa dos dirigentes das nossas empresas se habituaram a navegar por águas turbulentas", conclui Ana Teixeira. ■ **Carlo Castro**



Diplomas têm

As pequenas empresas tencionam contratar mais, mas são as médias e grandes que dão mais valor aos graus académicos.

Apesar da crise, as empresas continuam a procurar os recém-licenciados. Segundo os resultados do "Hiring Survey" da MRI, realizado no primeiro semestre de 2011, a tendência é mais visível nas pequenas empresas. Entre as empresas que têm entre 51 e 250 colaboradores, 46% admitem contratar mais licenciados em 2011. Das mais pequenas ainda, com menos de 50 trabalhadores, nenhuma respondeu que quer manter ou diminuir o número de contratações de licenciados, e 20% planeiam aumentá-lo.



A indústria é um dos sectores em Portugal a oferecer mais oportunidades de emprego, este ano, aos recém-licenciados, segundo o 'Hiring Survey' da consultora MRI Network.

Apesar da crise, 27% das empresas deste sector dizem que pretendem contratar mais recém-licenciados que em 2010 e 65% afirmam que pretendem fazê-lo em igual número. Apenas 6% admitem reduzir.



Diário Económico



“Recém-licenciados são mão-de-obra mais acessível”

ANA TEIXEIRA

Country manager da MRI Network Portugal

Os cortes de pessoal mais facilmente acontecem a nível de profissionais mais caros.

Ana Teixeira, 'country manager' da MRI, não se surpreende que as empresas optem por continuar a contratar recém-licenciados, dado que são uma mão-de-obra mais acessível sob o ponto de vista financeiro comparativamente com profissionais mais experientes. E defende que a taxa de desempregados entre os quadros superiores com muita experiência é que representa o padrão da actual crise.

Como explica que, em plena crise, a maioria das empresas prevejam continuar, este ano, a contratar recém-licenciados?

Não nos podemos esquecer que esta crise agudizou-se agora, mas teve o seu auge junto das empresas em 2009. O 'Hiring Survey' relativo ao 1º semestre desse ano revelava dados históricos, com 46% dos inquiridos a manifestar intenção de reduzir os seus quadros de pessoal. Na minha análise, as empresas desde 2002, ano em que a MRI iniciou o 'Hiring Survey' em Portugal, têm-se vindo a adaptar aos momentos conturbados que vamos atravessando. Contudo, não nos podemos esquecer que os recém-licenciados são uma mão-de-obra mais acessível sob o ponto de vista financeiro, para as empresas, comparativamente com profissionais mais experientes, pelo que não me surpreende que haja recrutamento deste tipo de perfis.

Prevê que as empresas vão manter a intenção de continuar a contratar recém-licenciados ou haverá muitas a recuar no segundo semestre?

Tal como respondi anteriormente, os recém-licenciados são uma mão-de-obra financeiramente mais acessível, pelo que os cortes a acontecer o sejam a nível de profissionais mais caros. As decisões das empresas para contratar não me parecem estar tão decisivamente dependentes dos acontecimentos políticos, uma vez que, no meu entender, têm vindo a adaptar-se à instabilidade que caracteriza os tempos modernos.

Como prevê, então, a evolução do 'Hiring Survey' no 2º semestre de 2011?

A minha convicção pessoal é que a única certeza que temos é a incerteza. E as empresas já integraram no seu DNA este pressuposto e aprenderam a lidar com ele. É uma constatação nacional a elevada taxa de desemprego de recém-licenciados. Mas também uma das características do momento presente é a taxa de desempregados de quadros superiores com muita experiência. Este facto é que se tem vindo a constituir como o padrão, no meu entender, da actual crise. ■

mais peso nas grandes empresas

A MRI fez também, em exclusivo para o Diário Económico, algumas perguntas específicas sobre a contratação de graduados. Uma delas está relacionada com o valor que as empresas dão aos diplomas obtidos nas universidades. O estudo concluiu que 76% das empresas preferem a licenciatura, nos processos de contratação geral, não havendo aqui distinção entre as licenciaturas pré ou pós-Bolonha.

Já o doutoramento não é valorizado por nenhuma das empresas que respondeu ao inquérito. Depois da licenciatura, o critério mais valorizado é a experiência, a dedicação e a competência, com 14% das respostas a favor. Os mestrados são referidos por 8% das empresas e os Masters in Business Administration (MBA) são um critério de escolha apenas para 2% dos executivos que responderam.

As empresas de maior dimensão dão mais valor ao MBA.

No entanto, também aqui há grandes diferenças entre as pequenas, as médias e as grandes empresas. Se nenhuma pequena empresa valoriza o MBA, são já 34% das empresas com mais de 50 colaboradores e 33% das empresas com mais de 500 a tomar em conta este grau quando contratam.

O facto é que, nas pequenas empresas, ainda conta mais a experiência, dedicação e competência (71% dos inquiridos referem-no) do que a formação académica (apenas 44% dão valor à licenciatura). E esta preferência é maior no sector da logística e distribuição (46%). O mesmo não acontece nas empresas que contam com 50 a 250 trabalhadores, que já preferem a licenciatura (36%). Nas empresas com mais de mil trabalhadores, o grau preferencial é já o mestrado (25%). ■ **Andrés Duarte**